



rumores e ruídos

## NOTAS, ÍNDICES E RUÍNAS

Estas são anotações para um diário de viagem que não escrevo nem escreverei. Registram impressões movidas por uma curiosidade antropológica natural ao turista que, cansado da segurança dos mapas, arrisca-se em percursos e itinerários imprevistos.

Estou há uma semana na Sicília. Cheguei a pensar num exercício diarístico de escrita como forma de experimentar as fronteiras entre a autobiografia e a ficção ou de documentar as alteridades que constituem outras línguas, outras culturas. Abandonei tal projeto ainda no avião, pois não sou ficcionista muito menos antropóloga ou etnógrafa. Além do mais, a viagem fora programada como “vacanza”. Mas devo ser, no fundo, uma espécie de “má viajante”, como filosofa Francisco Bosco no livro que comentei no artigo anterior: aquela que pensa em tirar férias na volta das viagens, pois, como escritora cuja essência do trabalho é necessariamente o “deslocamento de si”, as viagens só intensificam a atividade intelectual, roubando desses períodos o descanso pretendido. Aí vão então algumas dessas impressões:

1-“Chegada a Palermo”: No trajeto do aeroporto de Punta Rasi ao hotel no centro da cidade, em meio a um trânsito nervoso e caótico, o taxista repetia animado a letra da música de Michel Teló que tocava no rádio, para meu ingênuo espanto, em português. Depois de 14 horas no avião, pensei que estava delirando. Logo me refiz e constatei, com amarga lucidez, os efeitos da compressão tempo-espaço, da globalização e do império do mercado musical. Isso mesmo: Michel Teló em Palermo. Depois em Siracusa numa versão em italiano.

2-“Os mercados”: Sempre procuro nos mapas, quando ainda os guardo, ou pergunto aos transeuntes onde ficam os mercados, pois é lá que a vida local, sem guias ou legendas, viceja entre hortaliças, frutas, flores e pescados, no caso da ilha da Sicília, banhada pelos mares Mediterrâneo, Tirreno e Jônico. Quanto menos organizados “para turista ver”, melhores, pois mais labirínticos e com



a “marca suja da vida”, aquela que faz o turista satisfeito de si dar o desespero, mal parafraseando Manuel Bandeira. Em Palermo, há vários. No de Ballaró, comprei os maiores e mais baratos camarões de meus desejos gastronômicos.

3-“Follia, sangue e sacrifício”: Ainda em Palermo, os telejornais locais noticiavam a barbaridade de um crime passionai cuja maior vítima fora a irmã da moça atacada a facadas pelo ex-namorado, inconformado com o término da relação. Carmela Petrucci, 17 anos, defendeu com a própria vida a da irmã Lucia. Paixão e tragédia são ingredientes universais e atemporais. Notei, entretanto, que a comoção provocada talvez tenha feito com que os registros das páginas policiais do “Giornale da Sicilia”, publicação impressa, descrevessem os fatos com certa literariedade: “Carmela, nel tentativo di proteggere la sorella, è stata colpita com diversi fendenti ed è rimasta uccisa. Ha pagato con la vita la sua generosità e l’amore per la sorella Lucia, anche lei raggiunta da due fendenti.” Ou talvez isso tenha sido minha “piccola” apreensão da língua italiana, gatilho ideal para uma “grande” imaginação. Afinal, a literatura se instala onde os fatos são porosos e ambíguos ou onde a verdade hesita.

4-“Cosmopolitismo do pobre”: Em Agrigento, noticiava-se a morte de uma prostituta colombiana que teria caído do segundo andar do prédio onde ganhava o pão de cada dia. Segundo testemunhas, a mulher teria atendido um último cliente: um imigrante norte-africano. O cosmopolitismo do pobre é bem distinto daquele do turista, de acordo com o crítico Silviano Santiago de quem roubei a crueza desta nota. Numa Itália empobrecida, as ruínas dos templos de Agrigento são vestígios de um passado cuja suntuosidade de pedra ainda se mantém de pé.

5- “O tempo, a arqueologia, os museus”: Agrigento possui um dos mais importantes parques arqueológicos da Itália. No Vale dos Templos, as ruínas são a expressão da potência afirmativa do tempo, não de sua força de deterioração. A exuberância dos templos de Juno, da Concórdia, de Hércules congelam qualquer narrativa. Descrevê-los em palavras ou imagens são recursos impotentes diante de seu caráter aurático, segundo a conceituação



de Walter Benjamin. O aqui e o agora fazem cessar qualquer palavra, castram qualquer apelo imaginativo. Só resta a coisa em si. O museu arqueológico, também neste sítio, opera num outro sentido. Guarda entre vidros o que as escavações trouxeram à luz. Cada peça (em mármore, bronze ou terracota) traz duas inscrições, além de explicações: a data da escavação e a da confecção. Escavações do século XX que nos confrontam com séculos anteriores à era cristã. As ruínas não são o passado. São o aqui e o agora, são a sobrevivência à passagem do tempo. Tampouco os museus apontam o passado; são lanças para o futuro, porque destinam o que ali se protege à eternidade.

6- “Documento e imaginação” (em processo): Não acho que a documentação do vivido seja condição imprescindível para a fabulação. O poeta é um fingidor, todos sabemos. Ver e viver não são pilares da literatura. Ver e viver são valores antropológicos sobretudo. Nesse sentido, a literatura sempre nos permitirá a mais radical experiência de alteridade: aquela cujo deslocamento não é necessariamente físico.